

GUERRA HÍBRIDA VS. GIBRIDNAYA VOYNA: OS DIFERENTES SIGNIFICADOS DOS CONFLITOS HÍBRIDOS PARA O OCIDENTE E PARA A RÚSSIA

Maria Eduarda Buonafina Dourado¹
Alexandre Cesar Cunha Leite²
Fábio Rodrigo Ferreira Nobre³

RESUMO

Após o fim da Guerra Fria, iniciou-se o debate entre especialistas militares e acadêmicos, com o objetivo de prever como seriam os novos conflitos. Em um período pós-conflito nuclear, alguns especialistas sugeriram que o mundo enfrentaria pequenas guerras, desta vez entre atores não estatais, cujo método e estratégia seriam caracterizados como primitivos. Seria o retorno de guerras de guerrilha, sabotagem, subversão, crime organizado e terrorismo junto a abordagens convencionais. Essa nova estratégia tornou-se conhecida pelo termo Guerra Híbrida, cunhada por militares estadunidenses, para descrever principalmente a atuação russa durante a anexação da Crimeia em 2014. Neste artigo indaga-se se o conceito de Guerra Híbrida é encarado de forma semelhante pelos estrategistas e teóricos russos.

Palavras-chave: Guerra Híbrida. Guerra Irregular. Gibridnaya Voyna. Guerra de 4ª Geração.

¹ Mestranda. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Paraíba (PB), Brasil. E-mail: eduardabuonafina@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1400-573>

² Doutor. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Paraíba (PB), Brasil. E-mail: alexccleite@gmail.com / Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0209-2717>

³ Doutor. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Paraíba (PB), Brasil. E-mail: fabio.f.nobre@gmail.com / Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2905-0541>

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Acadêmicos e militares ocidentais (CHIVVIS, 2017; DVORAK, 2016; HOFFMAN, 2009) buscam criar mecanismos que possibilitem uma resposta positiva e eficiente às “novas ameaças”. Para isso, diversos estudiosos trabalharam em busca de conceituar e caracterizar esses novos conflitos. É importante entender que as “novas guerras” não são necessariamente novas, pois a maioria das suas características como o terrorismo, a subversão, a guerra civil, os conflitos de baixa intensidade e as guerrilhas, já marcaram os conflitos anteriores. Como defende Mary Kaldor (1999), o fim da Guerra Fria e o avanço da globalização contribuíram para o desenvolvimento de um novo tipo de violência organizada que agrega desde táticas consideradas arcaicas a elementos altamente modernos e sofisticados.

Bevin Alexander (1999), em sua obra *“A Guerra do Futuro”*, aponta que após o final da Guerra Fria e o fim do cenário bipolar, os Estados Unidos experimentariam um longo período sem enfrentar um inimigo que se assemelhe em poder militar. Com a queda da União Soviética, o cenário internacional deixou de apresentar outra potência militar capaz de enfrentar de maneira simétrica os Estados Unidos. Com isso, ele acredita que dificilmente os norte-americanos enfrentariam outro conflito do tipo convencional, ou seja, potência contra potência. O autor sugere que os EUA vão enfrentar guerras relativamente “pequenas”, conhecidas como conflitos de baixa intensidade (ALEXANDER, 1999, p. 42).

Apesar de não haver mais nenhuma potência que desafie o poderio americano, Alexander indica que há um perigo na autoconfiança por parte dos oficiais estadunidenses a respeito da sua superioridade militar. Essa tal vantagem não necessariamente terminará com todas as ameaças. Segundo o autor: “outros países podem enfrentá-los efetivamente através de lutas indiretas, fugindo à sua superioridade militar e evitando o uso de grandes concentrações de armas e homens que possam ser facilmente localizadas e destruídas” (ALEXANDER, 1999).

A partir disso, entende-se que a guerra assimétrica se trata de um conflito cuja relação de poder entre as partes será desigual³. Muitas vezes a resposta do ator mais fraco será evitar o conflito direto, já que não dispõe de material bélico e soldados suficientes para esse tipo de guerra. Táticas de guerra de guerrilha, terrorismo, subversão, sabotagem se tornarão recorrentes nos conflitos atuais.

Ciente disso, nota-se que há uma necessidade de alargar a tipologia dos conflitos atuais, atribuindo uma maior atenção para os conflitos classificados como não-convencionais. Bruno Reis (2017) cita as guerrilhas (*small wars*) como exemplo de uma tipologia de guerra que fora por um bom tempo desprezada pelos estudiosos e militares nos estudos de segurança. É importante levar em consideração que o processo de conceituar novos modelos de guerra possui certos problemas, os quais serão debatidos a seguir. Como denuncia Fridman (2017), o uso do conceito de Guerra Híbrida, antes limitado a esfera militar, passou a ser empregado no discurso político tanto dos EUA quanto da Rússia. Esse jogo de acusações contribui de certa forma para a intensificação da confusão conceitual que a Guerra Híbrida já abarca.

Com o intuito de contribuir para o fortalecimento do debate sobre Guerra Híbrida e agregar maior clareza quanto a sua relação com o pensamento militar russo, o presente artigo tem como principal objetivo identificar se o conceito de Guerra Híbrida, cunhado majoritariamente por pensadores militares ocidentais, pode ser aplicado ao “novo” modelo de guerra russa, identificado em sua atuação na Ucrânia em 2014, o que culminou na anexação da Crimeia. Para que isso seja possível, esse artigo contará com uma breve análise da construção dos conceitos de Guerra de Quarta Geração, Guerra Irregular, Guerra Assimétrica e Guerra Composta, que influenciaram diretamente na construção do conceito de Guerra Híbrida, sendo o foco desta pesquisa. Por último, abre-se um espaço para identificar a perspectiva russa sobre a Guerra Híbrida e qual a sua relação com esse conceito.

A GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO (4GW)

Durante a década de 1980, surge um movimento acadêmico dentro da área de segurança que buscava entender as mudanças que estavam ocorrendo nos conflitos pós-Guerra Fria. O objetivo daqueles teóricos era prever como seria a “guerra do futuro”. Segundo eles, o modelo de guerra linear, com uso maciço de armas de fogo e grande contingente militar, defendido por Clausewitz (1996), entraria em desuso (BEVIN, 1999; HEYDT, 1990; HOFFMAN, 2007; KALDOR, 1999; LIND, 2004; PINHEIRO, 2006; RUIVO, 2014; WILLIAMSON, 2009; CALLARD; FABER, 2002).

Um dos percussores do tema foi William S. Lind, que junto aos coronéis Keith Nightingale, Joseph Sutton, Gary Wilson e John Schmitt,

lançam, em 1989, no *Marine Corps Gazette*, um artigo intitulado “*The Changing Face of War: Into the Fourth Generation*”. O artigo se inicia com uma provocação, cujo objetivo é defender a importância de antecipar as características da guerra que está por vir. Lind (1989, p. 1) indica que a principal tarefa dos soldados durante períodos de paz, deve ser marcada pela preparação para uma próxima guerra. Para que isso seja feito, é necessário que se consiga prever como a próxima guerra vai se configurar.

Esses autores terminam por elaborar uma classificação da guerra moderna. Segundo eles, o desenvolvimento militar passou por três gerações distintas, e estaríamos entrando para a Quarta Geração. É importante ressaltar que a guerra que marca as três primeiras gerações identificadas por Lind (2004), é entendida em concordância com a definição clássica de guerra elaborada pelo General Prussiano Carl von Clausewitz (2017) no qual a compreende como “um ato de força para obrigar o nosso inimigo a fazer a nossa vontade”. Para Clausewitz a guerra era vista como um duelo de grande escala, marcada pelo uso da força (violência), sendo esta o meio pelo qual seria realizada a derrota total do inimigo, conquistando assim o real propósito da guerra.

A Guerra de Primeira Geração (1GW) teve início no Tratado de Paz de Westphalia (1648 a 1860). Era uma guerra formada por táticas de linha e colunas, em que o campo de batalha era formalmente ordenado. Essa formação no campo de batalha influenciou diretamente na cultura militar ocidental. Havia também uma clara distinção entre a esfera militar e civil (uso de uniformes, hierarquia). (LIND, 2004).

Segundo Ruivo (2014), a Guerra de Primeira Geração teve como principal característica o uso do “Princípio da Massa”, com local previamente definido. O ápice da 1GW foram as campanhas napoleônicas. Como aponta Lind (2004), as mudanças que ocorreram no campo de batalha durante o século XIX contribuíram para gerar contradições entre a cultura militar e o aumento da desordem/desorganização no campo de batalha. Com o advento das armas, a ordem nos campos de batalha começou a perder o sentido. Ao utilizarem rifles, as linhas de batalha se tornaram obsoletas e praticamente suicidas.

A Guerra de Segunda Geração (2GW) viria como uma resposta às contradições que surgiram dentro do campo de batalha. Essa geração foi desenvolvida pelo exército francês durante e após a Primeira Guerra Mundial. Caracterizada pela utilização de poder de fogo em massa por meio da artilharia (com o uso de canhões, fuzis e metralhadoras),

configurando uma guerra de atrito em que há uma “supremacia do fogo sobre o movimento” (MAIA, 2014, p. 4).

A guerra era estática e de atrito. Era uma “batalha conduzida”, toda a parte de poder de fogo era sincronizada. A obediência era mais importante que a iniciativa. Com isso, a 2GW consegue preservar a cultura da ordem. A introdução de tanques e aeronaves consequentemente forçou uma transformação na configuração do conflito. Surge então a Guerra de Terceira Geração (3GW).

Segundo Lind, a 3GW foi um produto da Primeira Guerra Mundial, desenvolvida pelo exército alemão. Essa nova tática de guerra ficou conhecida como *Blitzkrieg* ou *Maneuver Warfare*. O autor define essa terceira geração não como uma guerra de atrito e baseada no poder de fogo, mas sim uma guerra baseada na velocidade, na surpresa, no deslocamento físico e mental. A 3GW deixa de ser linear, o que termina mudando a cultura militar. Além disso, ao contrário da 2GW, a iniciativa se torna mais importante que a obediência.

Tactically, in the attack, a Third-Generation war seeks to get into the enemy's rear areas and collapse him from the rear forward. Instead of “close with and destroy” the motto is “bypass and collapse”. In the defense, it attempts to draw the enemy in, then cut him off. War ceases to be shoving contest, where forces attempt to hold or advance a line. Third Generation War is nonlinear. (LIND, 2004, p. 13)

As características mencionadas da 3GW continuam a marcar a Guerra de Quarta Geração (4GW). Mas como defende Lind em seu artigo, a maior mudança entre essas gerações está na perda do monopólio da guerra dos Estados. Há um retorno dos conflitos culturais e uma diminuição do embate entre Estados. Nesse sentido, as guerras atuais são caracterizadas como guerras entre Estados e entes não-estatais como a Al-Qaeda, a Hamas, o Hezbollah e as FARC. Na maioria dessas novas guerras o Estado tem obtido poucas vitórias (LIND, 2014, p. 13).

Concordando com as mudanças percebidas por Lind, pode-se admitir que a guerra mudou bastante, e que principalmente no século XXI, o cenário e os atores em conflito também sofreram mudanças. Outros autores buscam contemplar essas mudanças, como Mary Kaldor (1999) em seu livro: “New and Old Wars”. Segundo ela, um novo tipo de violência foi desenvolvido entre os anos de 1980 e 1990. Essas “novas guerras”, em sua

definição, se diferenciam da percepção da guerra regular, convencional defendida por Clausewitz.

Ruivo (2014) defende que atualmente com o advento da 4GW, a guerra pode ser classificada em quatro tipos diferentes. O primeiro seria a guerra convencional ou regular, cuja principal característica é o conflito entre Estados, em que a guerra é travada entre exércitos e com clara definição entre civis e soldados. O segundo tipo é a guerra de destruição em massa, que a autora diz parecer pouco provável que aconteça. A guerra irregular, que, progressivamente, vem substituindo as guerras convencionais. Esse tipo de guerra marcou o período pós Segunda Guerra e durante a Guerra Fria. Por último, a guerra assimétrica, entendida como a guerra irregular em escala mundial. A guerra assimétrica é a Guerra de Quarta Geração.

GUERRA IRREGULAR E CONFLITOS ASSIMÉTRICOS

Em uma guerra, a assimetria, ou seja, a diferença entre os seus oponentes, se apresenta como algo comum. Como defende Metz e Johnson II (2001, p. 1), há tempos em que essa assimetria é insignificante e passa de forma despercebida, sem provocar mudanças importantes no resultado do conflito. E também há momentos em que as diferenças entre os oponentes se tornam relevantes, colocando um ator em posição de vantagem e o outro em desvantagem. Situações como essa, em que a assimetria entre os oponentes se torna relevante e capaz de alterar os resultados das batalhas, vêm ganhando espaço quando encaramos as novas ameaças que vieram à tona após o período de Guerra Fria.

A guerra assimétrica já se demonstrava relevante para o exército estadunidense durante a Guerra Fria, embora não tivesse sido utilizado o termo “assimétrico” para descrever as estratégias soviéticas naquele momento. Foi a partir dos anos de 1990 que o Departamento de Defesa (DOD) começou a reconhecer as potenciais ameaças assimétricas disposta aos Estados Unidos (METZ, 2001, p. 23).

Explicitamente, o termo assimétrico apareceu pela primeira vez em 1995, em uma publicação no *Joint Warfare of the Armed Forces of the United States*. Nesta publicação, o conceito foi utilizado ainda de forma simplista (limitada), definindo o conflito assimétrico como aquele que apresenta forças “dissimilares”, por exemplo, um combate entre ‘ar’ versus ‘mar’ ou ‘ar’ versus ‘terra’. Ainda em 1995, a *Estratégia Nacional Militar* norte-

americana alargou o conceito, em que coloca o terrorismo, a utilização ou a ameaça do uso de armas de destruição em massa, e a guerra informacional como tipos de desafios assimétricos. Já em 1997, o *Report of the Quadrennial Defense Review* indicou que o domínio do poder militar convencional americano pode encorajar os adversários a usar meios assimétricos para atacar suas forças (METZ, 2001, p. 223).

Em 1997, o conceito de assimetria foi utilizado no National Defense Panel (NDP) da seguinte forma:

We can assume that our enemies and future adversaries have learned from Gulf War. They are unlikely to confront us conventionally with mass armor formations, air superiority forces, and deep-water naval fleets of their own, all areas of overwhelming US strength today. Instead, they may find new ways to attack our interests, our forces and our citizens. They will look for ways to match their strengths against our weaknesses (NATIONAL DEFENSE PANEL, 1997, p. 11).

Desse momento em diante, a guerra assimétrica passou a ter um espaço garantido nos periódicos que se comprometiam em identificar as novas ameaças que surgiram para o Estados Unidos após a Guerra Fria.

O número de conflitos classificados como irregulares tem crescido, tendo sua frequência aumentada durante e após a Guerra Fria. Segundo Visacro (2017, p. 7), “Após o fim da Segunda Guerra Mundial ocorreram mais de oitenta guerras de natureza assimétrica”. Noventa e seis por cento dos conflitos transcorridos durante a década de 1990 foram assimétricos. Como defende Von der Heydt (1990, p. 31), o pós Segunda Guerra foi marcado por um grande número de conflitos armados, e em sua maioria, identificados como guerras irregulares. Dessa maneira, o autor indica que a guerra irregular vem tomando o lugar das guerras convencionais de larga escala.

Outro detalhe importante mencionado na obra de Von der Heydt, está no caráter ilimitado da guerra irregular. Entende-se que a ideia de que na guerra a violência só poderia ser empregada por determinadas pessoas (soldados e militares). Além disso, tais pessoas deveriam utilizar instrumentos determinados, como as armas militares. Isso torna a guerra convencional limitada (Heydt, 1990, p. 41). Continua afirmando que “a limitação do emprego da violência a determinadas pessoas e a

instrumentos específicos constitui o conteúdo da mais antiga norma de lei da guerra, a mais velha convenção”.

Portanto, a guerra irregular torna-se mais cruel por ser promovida fora das convenções, ou seja, as leis e normas que regem o conflito regular não são respeitadas. A ideia de que o combate é conduzido apenas por soldados e armas militares não caracteriza mais a guerra do futuro.

Definir a guerra irregular é algo difícil. A abrangência das formas, táticas e estratégias utilizadas por essa “nova” forma de conflito tem gerado certa confusão. O que alguns autores como Kaldor (1999), Visacro (2017) e Heydt (1990) sugerem que a guerra irregular é a forma de guerra mais antiga.

Neste artigo utiliza-se a definição apresentada por Visacro (2017, p. 13). Segundo ele, “guerra irregular é todo conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização militar formal e, sobretudo, de legitimidade jurídica institucional”. A informalidade desse tipo de conflito torna praticamente impossível notar padrões que nos permitam criar princípios teóricos rígidos que possam ser aplicados. Essa imprevisibilidade torna-se um ponto essencial para as partes que utilizam táticas irregulares.

Além da imprevisibilidade, uma das principais características da guerra irregular são os alvos a serem perseguidos. A destruição total do inimigo não é mais o principal objetivo. Segundo a lógica do conflito assimétrico, a conquista do apoio da população se torna de extrema importância. Nesse raciocínio, ao conquistar o apoio popular os combatentes conseguem garantir uma maior durabilidade do conflito, além de uma maior visibilidade internacional. Dessa forma, a guerra de atrito, marcada pela destruição das forças inimigas, apresenta um valor secundário na guerra irregular, em que o foco principal está na perseguição do apoio popular, garantindo certas vantagens estratégicas como: o prolongamento do conflito por tempo indeterminado e a manipulação da opinião pública tanto doméstica quanto internacionais (VISACRO, 2017).

Ter o apoio popular se torna vantajoso, por exemplo, em um conflito cujo objetivo é derrubar um governo, grupos irregulares (que não possuem capacidade militar igual às do Estado) tendem a utilizar táticas irregulares. Além disso, a sua principal necessidade é conquistar o apoio popular nacional e internacional, fazendo com que a vontade do Estado de manter o conflito cesse. Isso faz com que esse tipo de conflito transcorra no campo psicológico, podendo tanto causar o terror psicológico ou a luta

pela conquista dos “corações e mentes”. Segundo Visacro, o movimento da conquista da população dá-se por dois processos diferentes, um direto e outro indireto. Os métodos definidos como diretos englobam a execução de campanhas de operações psicológicas apoiadas no emprego de técnicas tradicionais de subversão e propaganda ideológica, na utilização de mídia clandestina, práticas assistencialistas e na execução de operações militares que causam perturbação psicológica. Já no meio indireto, observa-se o uso de mecanismos geradores de violência, por meio de ataques seletivos contra grupos sociais e colaboradores dos inimigos (VISACRO, 2017).

Além de visar o apoio popular e o alvo psicológico, o conflito irregular apresenta algumas outras características que se distanciam da guerra convencional. Segundo aponta Visacro (2017), a guerra irregular apresenta uma menor relevância dos aspectos militares, em que os combatentes buscam evitar batalhas de atrito, visto a sua inferioridade bélica. Mharapara (2014) afirma que a meta de quem luta em um conflito assimétrico é “enfraquecer o diálogo político ao invés do poder militar”. Ele continua: “Na guerra assimétrica, o combate ocorre nas frentes econômica, política, diplomática social e militar, quando convém” (MHARAPARA, 2014, p. 100).

É importante mencionar que conflitos irregulares podem evoluir para uma guerra convencional assim que o grupo conseguir capacidade para obter bons resultados em uma guerra de atrito. Em relação a preponderância do conflito indireto, Von der Heydt defende nesse tipo de guerra que “não é um teste definitivo de poder que está em jogo”, por isso o poder relativo se torna mais importante em um cenário de guerra irregular. Dessa maneira, entende-se que um grupo que se utilize desse tipo de estratégia, busca evitar uma guerra de atrito e, por isso, busca “instabilizar, surpreender, exaurir o adversário para desequilibrá-lo, esgotá-lo intelectual e moralmente sem sequer lhe proporcionar oportunidade de empregar suas armas [...] Ao término da guerra irregular não há apenas uma vitória militar, mas também uma vitória total” (HEYDTE, 1990, p. 92).

A questão do tempo também se torna importante nesse tipo de conflito. Não há um período determinado de duração do conflito, podendo haver momentos de completa inatividade do grupo guerrilheiro. A relação que o conflito irregular tem com o tempo está diretamente relacionada ao apoio popular. Guerras muito longas se tornam difíceis de serem justificadas. Um exemplo foi a retirada do exército norte-americano no Vietnã, onde presenciaram o prolongamento do conflito pelos grupos guerrilheiros

vietnamitas. Diante do evento, o Estado americano perdeu o apoio popular fazendo com que as suas tropas fossem retiradas da região.

Outra característica que distancia o conflito irregular da guerra convencional, é sua não-linearidade. Não existem frentes de batalhas, flancos ou retaguarda, pois os combates são travados, de fato, segundo a presença e a postura da população (VISACRO, 2017). O local de batalha não é bem definido e não se distancia do local onde a população civil está. Pinheiro (2006) identifica o caráter urbano que predomina nesse tipo de guerra. Para ele, em uma guerra irregular há sempre a vantagem do inimigo, já que identificar os seus combatentes no meio da população se torna algo complicado, lembrando que os combatentes geralmente não estão utilizando fardamento que possa garantir a sua identificação. Pinheiro conclui que é na cidade “onde se encontram suas principais fontes tanto de recursos humanos quanto materiais. E é também nas cidades que se encontram os seus alvos prioritários” (PINHEIRO, 2006, p. 28).

Além disso, os conflitos de baixa intensidade se tornam difíceis de serem identificados, já que não apresentam campo de batalha, local, tempo e soldados devidamente definidos. Como aponta Visacro (2017, p. 8), a “guerra irregular, com grande frequência, se desenvolve sem que seja declarada, reconhecida ou sequer percebida. Por vezes é oculta”. O autor segue afirmando que o conflito irregular é “invariavelmente incompreendido pelo Estado (incluindo parcela considerável de suas forças armadas) e por diferentes segmentos da sociedade civil”.

Sobre a relação entre o conceito de Guerra Assimétrica e Guerra Irregular, podemos notar que ambas compartilham algumas de suas características mais relevantes, principalmente em relação aos seus objetivos⁴. Como ressalta Leal (2011), em ambas as guerras citadas podemos identificar a ausência de frentes de combate e também o poder de fogo se mostra menos relevante que a mobilidade. “Ambas são guerras de movimento e não de poder de fogo” (LEAL, 2011).

Até onde foi possível observar, a definição de guerra irregular trabalhada pelos autores mencionados era relativa às táticas utilizadas basicamente por grupos internos, geralmente contra o seu próprio Estado. O terrorismo, as guerras de guerrilha, subversão, sabotagem que compunham a guerra irregular não eram táticas que cabiam ao Estado, já

⁴ Ambas as guerras (assimétrica e irregular) buscam “exaurir o inimigo, desgastá-lo internamente, de tal modo, com o correr do tempo, estará exaurido de tal forma, não só física como psicologicamente, mostrando-se inapto de volição política” (LEAL, 2011).

que este possuía superioridade militar, podendo sempre responder a um conflito de forma direta.

GUERRA HÍBRIDA

Ofer Fridman afirma que o conceito de Guerra Híbrida (GH) é utilizado para cobrir o espaço deixado entre os conceitos de guerra regular e irregular no contexto das operações militares do século XXI (FRIDMAN, 2017, p. 42).

O mesmo problema enfrentado pelos militares e acadêmicos para contextualizar e detectar padrões no conflito irregular é aplicado para a Guerra Híbrida. É válido analisar algumas das principais definições que facilitarão o entendimento da Guerra Híbrida russa trabalhada no próximo tópico do artigo.

Próximo a esfera militar está a definição da OTAN e da *US Army's Special Operations Command*. A OTAN (2010) utiliza o termo “Guerra Híbrida” para descrever os adversários com a capacidade de empregar simultaneamente meios convencionais e não convencionais para atingir seus objetivos (apud JADER; MORELAND, 2014, p. 1). O *US Army's Special Operations Command* define GH como organizações e estruturas híbridas que combinam comandos de operações especiais e forças convencionais (apud JADER; MORELAND, 2014, p. 1).

Um dos principais autores que trabalham na definição de Guerra Híbrida é o oficial Frank G. Hoffman. Segundo ele, a ameaça de Guerra Híbrida se configura por meio de um adversário que simultaneamente emprega uma combinação de armas convencionais, táticas irregulares, terrorismo e grupos criminosos no campo de batalha para atingir seus objetivos políticos (HOFFMAN, 2009).

Hoffman (2009), em seu artigo *Hybrid vs. Compound War (CW)*, traz outra contribuição ao diferenciar um conflito híbrido e uma guerra composta (CW) defendida por Thomas Hubles em 1996. De acordo com a interpretação de Hoffman, CW são conflitos com componentes regulares e irregulares lutando simultaneamente em uma única direção. Nesse tipo de conflito há uma escolha de táticas regulares e irregulares dependendo do cenário em que os atores se enfrentam. Basicamente há uma seleção entre o uso da força convencional ou irregular.

Para Hoffman (2009), as forças irregulares são usadas como uma economia de força, que busca promover uma estratégia de exaustão ao

inimigo. A força irregular é utilizada para criar as condições necessárias para garantir o sucesso em um conflito convencional. Já a Guerra Híbrida não apresenta essa separação de forças, além disso, o combate convencional não se torna decisivo.

Em seu celebre artigo, *Conflict in the 21st century: The Rise of Hybrid Wars* (2007), Hoffman inicia seu trabalho incluindo a GH dentro dos conflitos de quarta geração (4GW). Mais uma vez, o autor reforça a ideia de que nos conflitos do futuro não haverá apenas uma troca dos métodos de combate (irregular, disruptivo⁵, tradicional ou catastrófico). Para ele, há uma convergência para um conflito multimodal, o que ele chama de Guerra Híbrida (HOFFMAN, 2007, p. 28-29).

Hybrid Wars incorporate a range of different modes of warfare including conventional capabilities, irregular tactics and formations, terrorist acts including indiscriminate violence and coercion, and criminal disorder [...] At the strategic level, many wars have had regular and irregular components. However, in most conflicts, these components occurred in different theaters or in distinctly different formation. In Hybrid Wars, these forces become blurred into the same force in the same battlespace (HOFFMAN, 2007, p. 29).

Com essa definição, pode-se entender que a utilização de táticas irregulares em uma Guerra Híbrida não será apenas um meio para enfraquecer o inimigo, para assim vencê-lo por meio de táticas convencionais. Os componentes das forças irregulares se tornam decisivas em um conflito deste tipo já que estão operacionalmente integrados aos componentes regulares. Tendo isso em mente, podemos afirmar que se torna perigoso e até equivocado, apenas categorizar os futuros conflitos somente como convencional ou irregular (HOFFMAN, 2007, p. 32-33). Esse caráter problemático também é ressaltado por Cox (2013), no qual entende que as guerras do futuro serão marcadas por seu caráter multimodal (apresentando diferentes modelos de combate no mesmo

⁵ O combate do tipo disruptivo corresponde aos desafios provenientes de adversários que desenvolvem e utilizam tecnologias inovadoras para driblar as principais vantagens dos EUA no seu domínio operacional; o combate do tipo catastrófico corresponde aos desafios nos quais envolvem atores que possuem e utilizam armas de destruição em massa ou até mesmo métodos que produzem efeitos semelhantes as armas deste tipo; o tipo tradicional corresponde aos desafios colocados por atores estatais, por meio do uso de suas forças e capacidades militares tradicionalmente conhecidas (HOFFMAN, 2007, p. 25 – 26).

espaço de batalha), e por isso a emergência de uma transformação do pensamento militar norte-americano, marcado pelo pensamento binário⁶, compreendendo o conflito apenas com duas formas distintas: o regular e o convencional. Tal pensamento não leva em consideração atividades de combate que fiquem entre esses dois modelos tradicionais. Impedindo assim o desenvolvimento de uma estratégia de guerra que compreenda as novas dinâmicas dos conflitos contemporâneos.

O termo “Guerra Híbrida” utilizado até esse momento, foi produzido por militares e acadêmicos ocidentais com o objetivo de compreender essa nova dinâmica de conflito que desafia militarmente os países ocidentais desenvolvidos. Uma parte das teses sobre a GH fora construída sob um olhar ocidental, e como veremos mais a frente, tem sido utilizada para descrever a atuação russa na Ucrânia que culminou na anexação da Crimeia, relembrando que a proposta deste trabalho é identificar se a Rússia também compartilha (com o Ocidente) o mesmo entendimento a respeito do conceito de GH. Para isso, fica evidente a necessidade de analisar como esse conceito tem sido construído e utilizado pelos russos.

A GUERRA HÍBRIDA RUSSA

Em uma passagem de seu artigo *The Culture of Strategic Thought Behind Russia's Modern Approaches to Warfare*, o autor Stephen R. Covington (2016) relembra uma conversa que teve com um general russo em uma conferência em Minsk. No final das apresentações, o general lhe fez duas perguntas pertinentes: primeiro ele perguntou se o Ocidente entendia que a Rússia possui uma posição geoestratégica singular, diferente de qualquer país do mundo; em seguida, pergunta se as pessoas do Ocidente entendem que a maneira como eles se defendem, como constroem suas doutrinas e estratégias, simplesmente não funcionam na Rússia (COVINGTON, 2016, p. 1).

Como aponta Rázc (2015), entre os pensadores militares russos, a discussão à respeito das mudanças que ocorreram na natureza da guerra também ocorreu de forma semelhante ao que foi debatido nos espaços

⁶ Cox (2013) aponta que atualmente militares e políticos se empenham em desenvolver estratégias militares para os conflitos futuros em apenas dois cenários distintos: o primeiro, seria o de que os EUA enfrentariam inimigos dispostos a enfrentá-los por meio do combate irregular; e o segundo cenário seria de que os EUA deveria se preparar para um potencial combate convencional de larga escala com a China (COX, 2013, p. 1).

militares ocidentais. Para o autor, pensadores russos como o General Gaveer, mostravam-se frequentemente familiarizados com o que era debatido nas escolas militares Ocidentais, o que demonstrava que a ciência militar russa tem se mostrado amplamente ciente, capaz de monitorar e reagir e ir para além das ideias desenvolvidas no Ocidente.

Um exemplo dessas semelhanças pode ser visto pelo trabalho do teórico militar russo Splichenko. Segundo Mattsson (2015), Splichenko também havia criado uma teoria das gerações de guerra, e dividiu essas gerações em seis. Além disso, o autor Splichenko, influenciado pelas ideias do General Gaveer, passou a indicar que as guerras do futuro teriam como principal característica o “não-contato”⁷, em que os ataques ocorrerão por meio do ar e do espaço, executado por armas de alta precisão, diretamente no território inimigo. O foco será destruir alvos militares, econômicos e políticos sem a necessidade de aplicar forças convencionais diretamente no território inimigo (RÁCZ, 2015, p. 35).

O interesse na teoria da GH pelos militares e acadêmicos russos começou com a análise da atuação americana nos conflitos atuais. Fridman (2017, p. 42) afirma que a única coisa em comum entre a GH defendida por Hoffman e a *Gibridnaya Voyna*⁸ é o nome. O autor também aponta algumas diferenças pertinentes entre o conceito de GH russa e ocidental. Em primeiro lugar, o Ocidente entende que a GH surge da experiência militar contra atores não-estatais ou sub-estatais, como o Hezbollah, a Al-Qaeda e o Talibã. Já os especialistas russos se baseavam na análise dos conflitos, como guerras e operações militares, dos atores estatais (FRIDMAN, 2017, p. 43).

Além disso, o conceito de GH ocidental possui um maior foco nas operações e táticas militares. A *Gibridnaya Voyna* apresenta um conjunto de ideias mais amplo e envolve todas as esferas da vida pública do país (FRIDMAN, 2017, p. 43).

Segundo Covington (2016), a cultura estratégica russa tem como ponto de partida a percepção de que o país possui posições geográficas, políticas, econômicas e estratégicas singulares, e para isso, as soluções militares para defender o Estado devem ser únicas. Essa ideia de singularidade tem sido usada pelos políticos e militares para rejeitar as reformas militares ocidentais que, segundo ele, vêm acontecendo nas últimas duas décadas. Essas reformas tinham como objetivo criar

⁷ Characterized future war as ‘non-contact’. (RÁCZ, 2015, p. 35)

⁸ Tradução direta do inglês: Hybrid Warfare;

uma maior simetria entre os modelos de defesa ocidental e russo (COVINGTON, 2016, p. 8).

Segundo Thomas (2016), os analistas ocidentais transportaram o conceito de GH aos métodos de guerras empregadas pela Rússia. Por mais que este conceito tenha ganho credibilidade, os oficiais russos não aceitam ou admitem que as suas forças armadas estejam usando operações híbridas. Segundo eles, a Rússia não conduziu uma GH, mas ao contrário disso, o Ocidente utiliza esse método contra eles (russos) (THOMAS, 2016, p. 5).

Ainda segundo o autor, a Rússia estudou os três principais conceitos originados no Ocidente, que permeiam esse “novo” tipo de conflito, sendo eles: *new generation of war*; *new type of war* e *hybrid war*. A Rússia passou a examinar e descrever os componentes dessa nova estratégia utilizados em outros países, sendo esse um antigo método usado pela União Soviética (THOMAS, 2016, p. 3).

Outro autor que apresenta esse mesmo pensamento é o Samuel Charap, em seu artigo *The Ghost of Hybrid War* de 2016, ele afirma que a GH que os Estados Unidos utilizaram na Ucrânia é vista pelos estrategistas russos como um ensaio que depois será aplicado na Rússia. Charap (2016) indica que estrategistas russos usaram o termo “Guerra Híbrida” referindo-se a abordagem dos EUA para derrubar governos hostis como ocorreu na Ucrânia em 2013, quando estrategistas estadunidenses utilizaram Guerra Híbrida para derrubar o governo de Yanukovich e instalar um Estado fantoche (CHARAP, 2016, p. 1).

Retomando o trabalho de Covington (2016), um dos maiores exemplos da singularidade estratégica russa está na sua abordagem híbrida. Segundo ele, para o Ocidente, o termo GH é um sinônimo para guerra indireta (*ambiguous, non-attributable warfare*). Isso se explica pela atenção que o Ocidente dá a capacidade russa de utilizar forças especiais, conhecida como *little green men*, e realizar guerra de informação, ataques cibernéticos, sabotagem política, pressão econômica e alguns outros métodos. Mas, como continua o autor, embora seja justificável atribuir o conceito de GH aos métodos utilizados pela Rússia, a atenção dada a esses métodos tem “obscurecido” o fato de que a GH utilizada pelo país é algo único, um pouco distante do conceito ocidental (COVINGTON, 2016, p. 9).

Em seu artigo, *Future War and Chechnya: a Case of Hybrid Warfare* (2002), Willian J. Nemeth defende que os chechenos viviam em uma situação híbrida entre o Estado pré-moderno e contemporâneo. A estrutura dessa

sociedade (formada por clãs e laços familiares) permitia que houvesse uma completa mobilização da sociedade diante de uma guerra.

Segundo András RácZ (2015), essa forma híbrida da sociedade chechena formou um modelo híbrido de método de guerra, que combina elementos de táticas regulares e irregulares de uma forma eficiente e flexível. Essa flexibilidade permitiu aos chechenos mudar rapidamente de uma guerra de guerrilha para o modo convencional, e voltar para a guerrilha se necessário, tudo dependendo do movimento russo. RácZ conclui que alguns elementos da estratégia híbrida utilizada pelos chechenos influenciou a GH utilizada pelos russos (RÁCZ, 2015, p. 28-30).

Pensando dessa maneira, podemos notar que a GH não é algo padronizado e que conseguiremos conceituar com uma maior facilidade. Assim como mencionado por RácZ e por Nemeth, a forma da sociedade termina influenciando e dando características específicas a doutrina militar de cada país. Isso fica claro quando se volta a analisar o artigo de Covington (2016), um dos motivos que tornam a utilização da estratégia híbrida pelos russos algo singular é a sua estrutura política.

Covington afirma que não existe nenhuma cultura estratégica no Ocidente que seja equivalente à russa. Isso se dá principalmente pelo sistema político autocrático e não liberal que permite uma única forma de pensamento militar se tornar dominante. Nas democracias liberais do Ocidente, a descentralização do poder político e a distribuição das responsabilidades entre as agências e os ministérios dificulta o surgimento de uma cultura estratégica dominante (COVINGTON, 2016, p. 4).

Os autores Michael Kofman e Matthew Rojansky (2015) defendem que a utilização dessa estratégia híbrida dificilmente pode ser considerada uma doutrina definida pelos russos para a sua projeção de poder nos países vizinhos. Ou seja, em vez de uma estratégia genuinamente russa, a GH é meramente um rótulo, criado pelo Ocidente, atribuída às ações russas na Ucrânia (KOFMAN, 2015, p. 1).

Frank G. Hoffman (2014) define ameaça híbrida como “qualquer adversário que utilize, simultaneamente um mix de armas convencionais, táticas irregulares, terrorismo e organização criminal ao mesmo tempo e num mesmo campo de batalha para obter seus objetivos políticos”. (HOFFMAN, 2014). Esse conceito, defendido por Hoffman, é contrariado por Kofman, que termina por definir os instrumentos utilizados na GH como algo já conhecido como “smart power”, conceito muito utilizado pelos estrategistas americanos (KOFMAN, 2015, p. 2).

Sob a perspectiva russa, Kofman defende que uma abordagem que combina diferentes tipos de projeção de poder em um conflito não reflete nenhum novo pensamento estratégico. Na verdade, a GH é apenas o reconhecimento dos russos de que cresce uma nova tendência de como as guerras vão ser travadas na modernidade. Kofman (2015) conclui que as ferramentas utilizadas pelos russos durante o processo de anexação da Ucrânia dificilmente poderão ser aplicadas em outros cenários de conflito. Por esse motivo, o Ocidente tem caído no erro ao responsabilizar Moscou por trazer à tona um “novo” e “especial” tipo de GH. Para o autor, o erro dá-se a partir do momento em que o Ocidente estaria elevando as operações particulares da Rússia na Ucrânia ao nível de uma doutrina militar coerente e preconcebida (KOFMAN, 2015, p. 3).

Esse ponto de vista também é defendido por Bettina Renz (2016). Para ela, o conceito de GH reflete inadequadamente as direções da modernização militar russa, e tem contribuído para distorcer o entendimento das capacidades militares e ambições do país. (RENTZ, 2016, p. 10). Por último, é interessante analisar todo o esforço realizado por Fridman (2017) para conceituar a *Gibridnaya Voyna* mencionada anteriormente. Na verdade, em seu artigo, o autor consegue nos mostrar com clareza que o termo mencionado é apenas uma tradução literal de “Hybrid Warfare”. Essa tradução, embora literal, não tem o mesmo significado, como foi mencionado rapidamente no início deste tópico.

Fridman (2017), por meio dos trabalhos do teórico militar russo Evgeny Messne faz um link interessante entre a *Gibridnaya Voyna* e a guerra de subversão sugerida pelo autor russo. Segundo ele, a Guerra Híbrida defendida por Hoffman implica em uma mistura de elementos, como forças regulares e irregulares incorporadas em uma combinação de métodos operacionais e táticos. Já o conceito *Gibridnaya Voyna* defende um campo de batalha abstrato, em que as partes conflitantes buscam destruir a coesão socio-cultural dos inimigos e proteger a sua própria (FRIDMAN, 2017, p. 45).

O termo “guerra de subversão” foi utilizado para definir um novo tipo de estratégia utilizado pelos soviéticos contra o Ocidente. Com o passar da Guerra Fria, o termo caiu em desuso por dois motivos: primeiro, pela semântica soviética do conceito; e pelo maior foco dos novos militares russos em analisar as operações militares americanas, principalmente na América (FRIDMAN, 2017, p. 45).

O momento em que os especialistas russos deixaram de utilizar o termo “guerra subversiva” para *Gibridnaya Voyna* foi quando eles acharam a origem do termo GH ocidental mais útil. Usando-a para afirmar que o Ocidente inventou um novo tipo de guerra contra Moscou. O autor ainda indica que o termo *Gibridnaya Voyna* se ajusta melhor com o conceito de Guerra de Quarta Geração do que com o de GH defendida por Hoffman (FRIDMAN, 2017, p. 45-46).

Em sua conclusão, Fridman aponta que embora haja certas diferenças no conceito de GH e *Gibridnaya Voyna*, esse debate havia permanecido limitado aos especialistas militares, além de permanecer no campo analítico e histórico, boa parte escrito por teóricos e estrategistas militares. Foi após a crise ucraniana em 2014 que esse debate migrou para o campo político (FRIDMAN, 2017, p. 46).

Embora haja uma certa diferença conceitual entre a Guerra Híbrida e a *Gibridnaya Voyna*, a sua maior divergência foi marcada por razões políticas, permitindo um país culpar o outro de estar realizando atos ilegais, em uma guerra “injusta” (FRIDMAN, 2017).

Essa conclusão apresentada por Fridman termina fazendo sentido quando paramos para lembrar que, em uma guerra irregular, o principal objetivo dos atores que utilizam esta estratégia é conquistar o apoio popular. Uma vez afirmando que a Rússia está utilizando uma nova abordagem de guerra, conhecida como GH, contra a Ucrânia e possivelmente no futuro contra a OTAN e o Ocidente, faz com que o Estado americano consiga angariar apoio popular, e aliança com outros Estados para minar essa “ameaça” híbrida imposta por Moscou. Da mesma maneira, políticos e militares russos atribuem à Revolução Laranja, ocorrida em 2014 na Ucrânia como uma “nova” abordagem de guerra Ocidental, testada no país vizinho e que possivelmente no futuro será utilizada para derrubar o governo de Moscou. Essa “nova” abordagem ocidental os russos denominaram *Gibridnaya Voyna*.

Tomando uma certa distância do jogo político de acusações a respeito da prática de Guerra Híbrida entre Rússia e os EUA, é possível identificar autores que apresentam alguns dos principais conceitos que melhor definem o modelo de guerra praticado pela Rússia atualmente. É o caso do Peter Mattson (2015), que sugere que a abordagem russa na Ucrânia é melhor conceituada como uma “guerra de nova geração”. O autor chega a essa conclusão por meio de uma análise histórica do desenvolvimento do pensamento militar contemporâneo russo, além de

concluir que os russos apresentam uma percepção e uma maneira de pensar a guerra diferente do pensamento ocidental. Para os russos, a guerra é pensada através dos interesses nacionais, e por meio de suas posições históricas, culturais e geopolíticas.

Berzins (2019) também defende o uso do conceito “nova geração de guerra” para descrever a atuação russa no cenário pós-soviético. Diferente do que defendido por Mattson (2015), Berzins entende que essa “nova geração de guerra” se trata de uma nova abordagem para a guerra, e representa uma interpretação do pensamento militar russo a respeito da evolução da arte militar. Para o autor, o conceito de Guerra de nova geração agrega o uso combinado de métodos de guerra assimétrica, conflitos de baixa intensidade e controle reflexivo.

Já os autores Jonsson e Seely (2015) indicam que a atuação de Moscou na Ucrânia em 2014, pode ser melhor descrita pelo conceito de Conflito de Amplo Espectro (*Full-Spectrum Conflict*, FSC). Segundo esses autores, o conceito de FSC tem a vantagem de capturar a multitudine de ferramentas empregadas nos conflitos atuais, que apresentam desde unidades militares convencionais a forças especiais clandestinas, e também ameaças econômicas, influência política, subversão e guerras informacionais.

Como último exemplo, pode-se citar Charles Bartles (2016), que se refere ao modelo de guerra russo, utilizando o conceito de Métodos indiretos e assimétricos, compreendido como um meio para responder ao novo modo de guerra utilizado pelos Estados Unidos e pelo Ocidente. O autor identificou os meios utilizados para a condução de uma abordagem indireta e assimétrica. São elas: o uso de forças não declaradas, como os “little green men” que foram identificado na Crimeia; o uso de *peacekeepers*, ou a ameaça de uma intervenção neste sentido; o uso de Cossacos, formando unidades paramilitares; a contratação de empresas militares privadas; forças de operações especiais, conhecidas como *Spetnaz*; e por último, o uso de “guerreiros informacionais”, com capacidades de atuar na esfera militar e não-militar.

O que fica evidente em todos esses autores são as críticas a respeito da definição por parte dos pensadores e estrategistas ocidentais, a respeito da atuação militar russa pelo conceito de Guerra Híbrida. Para esses autores, o caráter cultural do pensamento militar russo tem sido ignorado pelos pensadores ocidentais. Muitos desses autores identificam que os acadêmicos e militares russos não reconhecem o conceito de GH,

e muito menos indicam que estão a utilizar tais práticas. Tal fato se torna problemático a partir do momento em que pensadores ocidentais criam um modelo de guerra que não é reconhecido pelos próprios russos. Outro agravante provém da ideia de que essa “nova” abordagem militar russa se tornou uma doutrina que poderá ser facilmente replicada em outros locais. Como sinaliza Duncan (2017), não há nada de “novo” no modo como a Rússia atua em conflitos, o que houve na verdade foi o uma percepção de que a natureza da guerra havia sido transformada por meio do desenvolvimento tecnológico, implicando o surgimento de novas ameaças ao Governo russo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um esforço dos especialistas militares em definir as “novas” ameaças. Mesmo entendendo que essas “novas” ameaças não são nenhuma novidade, há uma certa emergência em definir e caracterizar como serão as guerras futuramente. Uma das tipologias mencionadas é a GH, um mix de táticas regulares e irregulares aplicadas simultaneamente para atingir um objetivo político comum. Essa é a definição ocidental calcada em Frank G. Hoffman.

Os autores que tomam a definição de Hoffman como ponto de partida para analisar a atuação russa na Ucrânia frequentemente chegam a conclusão de que Moscou mudou a sua doutrina militar a favor de implementar táticas irregulares aos conflitos convencionais. Além disso, muitos desses autores terminam defendendo que a GH, utilizada pelos russos, transforma-se em uma ameaça ao Ocidente pelo fato de que, como uma doutrina militar, ela possa ser aplicada em diversos países de acordo com o interesse russo. Essa ideia cai por terra ao analisarmos que, em uma guerra irregular, as táticas utilizadas dependerão de vários fatores como: ambiente político, social, histórico e cultural favoráveis. Chega-se a conclusão que, assim com a guerra irregular, a GH muito dificilmente será reproduzida de uma mesma maneira em locais diferentes.

Ao analisarmos a definição de GH, podemos concluir que, embora os métodos e estratégias utilizadas pelos ocidentais e russos em um conflito híbrido sejam de certa forma semelhantes, há ainda uma certa divergência entre a visão ocidental e a russa. A *Gibridnaya Voyna*, tradução literal do inglês *Hybrid Warfare* não reflete o mesmo significado. Na verdade, o que mostra Fridman (2017) é que o tema que antes se limitava ao debate entre os

especialistas militares, foi agregado ao discurso político pelos governantes de ambos os países. Houve então uma politização do conceito, na qual os teóricos ocidentais utilizavam o termo GH para identificar a atuação russa na Ucrânia e os teóricos russos afirmavam que a *Gibridnaya Voyna* na verdade dava-se pela atuação norte-americana para instaurar a Revolução Laranja na Ucrânia.

Podemos concluir que mesmo que, os russos estejam utilizando de táticas convencionais e irregulares para atingir seus objetivos políticos e militares, não se pode simplesmente afirmar que tal abordagem seja caracterizada como uma “nova” doutrina militar, muito menos caracterizá-la como uma GH vista aos moldes ocidentais.

Nesse sentido, ampliar o debate sobre a Guerra Híbrida para além dos conceitos calcados pela produção ocidental, se torna necessário na medida em que esse tipo de estratégia de combate tem angariado uma maior visibilidade e gerado uma preocupação adicional aos exércitos que buscam criar mecanismos de combate e de defesa em um cenário em que o inimigo utilize a GH.

Uma análise mais apurada a respeito da interpretação russa sobre a GH poderá contribuir ao tentarmos identificar se existirá a possibilidade de que em uma futura investida, a Rússia possa retornar a utilizar a estratégia híbrida. Nesse sentido, a GH torna-se uma nova Doutrina Militar passível de ser utilizada em outros cenários.

HYBRID WAR VS. GIBRIDNAYA VOYNA: THE DIFFERENT MEANINGS OF HYBRID CONFLICTS FOR WEST AND RUSSIA

ABSTRACT

After the end of the Cold War, the debate began between military experts and academics, with the aim of predicting how the new conflicts would be. In a post-nuclear conflict period, some experts suggested that the world would face small wars, this time between non-state actors whose method and strategy would be characterized as primitive. It would be the return of guerrilla wars, sabotage, subversion, organized crime and terrorism along conventional approaches. This new strategy became known by the term Hybrid War, stamped by the American military, to describe mainly the Russian action during the annexation of Crimea in 2014. In this paper, it is questioned if the concept of Hybrid War is faced similarly by the strategists and Russian theorists.

Keywords: Hybrid War. Irregular War. Gibridnaya Voyna. 4th Generation War.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Bevin. *A Guerra do Futuro*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

BARTLES, Charles. *Russia's Indirect and Asymmetric Methods as a Response to the New Western Way of War*. 2016. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23296151.2016.1134964>>.

BĒRZINS, Jānis. *Not 'Hybrid' but New Generation Warfare*. 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/331521752_Not_'Hybrid'_but_New_Generation_Warfare>.

CALLARD, James; FABER, Peter. *An Emerging Synthesis for a New Way of War: Combination Warfare and Future Innovation*. 2002. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43133476?seq=1#page_scan_tab_contents>.

CHARAP, Samuel. *The Ghost of Hybrid War*. 2015. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00396338.2015.1116147?journalCode=tsur20>>.

COVINGTON, Stephen R.. *The Culture of Strategic Thought Behind Russia's Modern Approaches to Warfare*. 2016. Disponível em: <<https://www.belfercenter.org/>>.

COX, Dan G. *What if the Hybrid Warfare/Threat Concept Was Simply Meant to Make Us Think?* 2013. Disponível em: <<https://www.e-ir.info/2013/02/13/what-if-the-hybrid-warfarethreat-concept-was-simply-meant-to-make-us-think/>>.

DUNCAN, Andrew. *New 'Hybrid War' or Old 'Dirty Tricks'? The Gerasimov Debate and Russia's Response to the Contemporary Operating Environment*. 2017. Disponível em: <<http://www.journal.forces.gc.ca/Vol17/no3/PDF/CMJ173Ep6.pdf>>.

DVORAK, Joseph. *Complexity In Modern War: Examining Hybrid War And Future U.S. Security Challenges*. 2016. Disponível em: <<https://bearworks.missouristate.edu/theses/3029/>>.

FRIDMAN, Ofer. *Hybrid Warfare or Gibrnidnaya Voyna?: Similar, But Different*. 2017. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/23296151.2017.1349644>>.

1080/03071847.2016.1253370?journalCode=rusi20>

HEYDT, Friedrich August von Der. *A Guerra Irregular Moderna: Em políticas de defesa e como fenômeno militar*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.

HOFFMAN, Frank G.. *Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars*. 2007. Disponível em: <<http://www.potomac institute.org/publications/23-publications/reports/1267-conflict-in-the-21st-century-the-rise-of-hybrid-wars>>.

HOFFMAN, Frank G.. *Hybrid Warfare and Challenges*. 2009. Disponível em: <<http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a516871.pdf>>

HOFFMAN, Frank. *On Not-so-new Warfare: Political Warfare vs Hybrid Threats*. 2014. Disponível em: <<https://warontherocks.com/2014/07/on-not-so-new-warfare-political-warfare-vs-hybrid-threats/>>.

HUNTER, Eve; PERNIK, Piret. *The Challenges of Hybrid Warfare*. 2015. Disponível em: <https://www.icds.ee/fileadmin/media/icds.ee/failid/Eve_Hunter__Piret_Pernik_-_Challenges_of_Hybrid_Warfare.pdf>.

JASPER, Scott; MORELAND, Scott. *The Islamic State is a Hybrid Threat: Why Does That Matter?*. 2014. Disponível em: <<https://calhoun.nps.edu/handle/10945/47638>>.

JONSSON, Oscar; SEELY, Robert. *Russian Full-Spectrum Conflict: An Appraisal After Ukraine*. 2015. Disponível em: <<https://sakupol.files.wordpress.com/2015/03/jonsson-seely-2015-russian-full-spectrum-conflict.pdf>>.

KALDOR, Mary. *New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era*. 1999. Disponível em: <[https://blackboard.angelo.edu/bbcswebdav/institution/LFA/CSS/Course Material/SEC6302/Readings/Lesson_6/Kaldor - New and Old Wars - 1999.pdf](https://blackboard.angelo.edu/bbcswebdav/institution/LFA/CSS/Course%20Material/SEC6302/Readings/Lesson_6/Kaldor-New%20and%20Old%20Wars-1999.pdf)>

KOFMAN, Michael; ROJANSKY, Matthew. *A Closer look at Russia's "Hybrid War"*. 2015. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/kennan-cable-no7-closer-look-russias-hybrid-war>>.

LEAL, Fernando D'êça. *A Guerra Irregular: a conspiração do silêncio no século xxi?*. 2011. Disponível em: <<https://www.revistamilitar.pt/artigo/671>>.

LIND, William S.. Understanding Fourth Generation War. 2004. Disponível em: <<http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/milreview/lind.pdf>>.

LIND, William S. et al. The Changing Face of War: Into the Fourth Generation. 1989. Disponível em: <<http://globalguerrillas.typepad.com/lind/the-changing-face-of-war-into-the-fourth-generation.html>>. Acesso em: 4 mar. 2017.

MATTSSON, Peter A. Russian Military Thinking: A New Generation of Warfare. 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/313252767_Russian_Military_Thinking_-_A_New_Generation_of_Warfare>.

METZ, Steven. Strategic Asymmetry. 2001. Disponível em: <<https://www.hsdl.org/?abstract&did=3690>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

METZ, Steven; II, Douglas V. Johnson. Asymmetry and U.S. Military Strategy: Definition, Background and Strategic Concepts. 2001. Disponível em: <<http://ssi.armywarcollege.edu/pdffiles/pub223.pdf>>.

MHARAPARA, Raymond; BANGIDZA, Lucky Bassie; GWEKWERERE, Steven. GUERRA ASSIMÉTRICA: EXPERIÊNCIAS, PERSPECTIVAS, IDEIAS E DESAFIOS COM FOCO NO ZIMBÁBUE. 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/austral/article/viewFile/43952/30172>>.

NEMETH, Willian J.. Future War and Chechnya: A Case for Hybrid War. 2002. 101 f. Tese (Doutorado) - Naval Postgraduated School, Monterey, 2002.

PINHEIRO, Álvaro de Souza. O Conflito de 4ª Geração e a Evolução da Guerra Irregular. 2006. Disponível em: <<http://portal.eceme.ensino.eb.br/meiramattos/index.php/RMM/article/viewFile/258/227>>.

RADIN, Andrew. Hybrid Warfare in the Baltics: Threats and Potential Responses. 2017. Disponível em: <https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR1577.html>.

RÁCZ, András. Russia's Hybrid War in Ukraine: Breaking the Enemy's Ability to Resist. 2015. Disponível em: <<https://www.fiia.fi/en/publication/russias-hybrid-war-in-ukraine>>.

RENZ, Bettina; SMITH, Hanna. Russia and Hybrid Warfare: Going Beyond the Label. 2016. Disponível em: <<https://www.stratcomcoe.org/>>

bettina-renz-and-hanna-smith-russia-and-hybrid-warfare-going-beyond-label>.

RUIVO, Mariana Maia. *A Guerra Moderna e suas Transformações: da 1ª geração à guerra cibernética e o impacto na segurança internacional*. 2014. São Paulo: Usp, 2014.

THOMAS, Timothy. *The Evolution of Russian Military Thought: Integrating Hybrid, New-Generation, and New-Type Thinking*. 2016. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13518046.2016.123251>>.

UNITED STATES, National Defense Panel. *Transforming Defense: Security in the 21st Century*. 1997. Disponível em: <<https://www.hsdl.org/?abstract&did=1834>>.

VISACRO, Alessandro. *Guerra Irregular: Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: Contexto, 2017.

VON CLAUSEWITZ, Carl. *Da guerra*. WWF Martins Fontes, 2017.

WILLIAMSON, Colonel Steven C. *From Fourth Generation Warfare to Hybrid War*. 2009. Disponível em: <[http://indianstrategicknowledgeonline.com/web/FROM FOURTH GENERATION to hybrid.pdf](http://indianstrategicknowledgeonline.com/web/FROM%20FOURTH%20GENERATION%20to%20hybrid.pdf)>.

Recebido em: 24/07/2019

Aceito em: 25/05/2020